



O riso dos Hotxuás

Ricardo Puccetti // Lume

Em abril passado, semana de estréia do espetáculo SHI-ZEN, no SESC-Belenzinho, na cidade de São Paulo, fui contatado para participar de um documentário em uma tribo dos índios Kraós, no Estado de Tocantins. O documentário, dirigido pela atriz Letícia Sabatella e Gringo Kardia, iria focar a figura do hotxuá, espécie de palhaço presente na cultura dos Kraós, e a idéia de minha participação seria a de realizar um encontro entre os hotxuás e um palhaço oriundo de outra tradição. A princípio tomei um susto com o convite, tanto por desconhecer a existência desta figura em tribos brasileiras, como também pelo momento caótico em que estava por causa da estréia de nosso espetáculo. Mas, como curioso que sou, e também pela prática de constante busca em meu trabalho (qualidade desenvolvida aqui no Lume), resolvi participar desta experiência. E como foi acertada esta decisão!

Este texto é um breve relato desta experiência, sem a pretensão de ter o menor rigor antropológico. Na verdade é uma pequena reflexão sobre o palhaço, suas possibilidades e seu papel no mundo de hoje.

Cheguei na aldeia Kraó, no interior de Tocantins, numa segunda feira à noite, após quase quinze horas de viagem em avião, carro e canoa. Assim que cheguei à outra margem do rio, a primeira impressão foi impactante. Era como se houvesse desembarcado em um outro mundo: de longe chegava um canto maravilhoso, numa polifonia estranha e ao mesmo tempo tocante, e ao meu redor uma escuridão profunda de onde saltavam milhões de estrelas. Foi um choque. Sobre mim, um palhaço, cai uma tonelada de céu, como a me mostrar a pequenez e a profundidade de nossa existência. Foi bom me sentir pequeno e imerso no desconhecido e, sorrindo, subi do rio até o centro da aldeia. A festa já havia começado, e no centro da aldeia, em grupos separados, mulheres e homens cantavam e dançavam, numa espécie de diálogo musical. Que festa era essa?

Nesta semana estava acontecendo a Festa da Batata, encontro anual que reúne diversas aldeias Kraós e um grande número de hotxuás. Hotxuá, na tradição Kraó, é uma espécie de palhaço, que tem como função levar o riso às pessoas. Não é um personagem, mas um função social que alguns escolhidos têm o privilégio de possuir. Esta função é passada pelo nome (que é o maior bem que um Kraó pode possuir), ou seja, quando um recém nascido recebe o nome, se este nome é dado por um hotxuá (o pai, um tio ou um amigo da família), a criança será hotxuá quando crescer. E ela será preparada desde pequeno para ser um hotxuá, mesmo que na adolescência ela possa optar definitivamente se vai querer ou não seguir neste papel. Também é possível alguém escolher ser hotxuá: então ele será renomeado para que possa atuar com tal.

Mitologicamente para os Kraós, os hotxuás nascem das plantas cultivadas: da batata de rama, da mandioca, do milho, da abóbora, etc. E, como falarei mais adiante, parte de sua gestualidade vem da imitação destas plantas.

Do que presenciei durante esta semana, pude constatar que os hotxuás têm importante participação no cotidiano da comunidade, sempre com o viés da comicidade, arrancando o riso das situações do dia a dia e brincando com as possibilidades de ver a vida sob outros ângulos. Eles podem interferir nos afazeres das outras pessoas, podem provocar ou fazer as coisas “ao contrário”, com um prazer infantil e um olhar inteligente que consegue perceber toda e qualquer oportunidade para fazer as pessoas rirem. O hotxuá pode começar a andar como um animal, cheio de contorções e caretas, no meio de um grupo de mulheres que cozinha e, de repente, pegar um bocado de comida de dentro da panela e começar a comer. Não pela boca, mas pelas orelhas, olhos e nariz. Todos caem na gargalhada e ninguém se aborrece porque ele pegou a comida. O hotxuá tem permissão para fazer o que quiser e todos têm por ele um grande respeito e afeto.

Os rituais também são campo fértil para as brincadeiras dos hotxuás que pela paródia e exagero, fazem comentários cômicos a respeito do que está acontecendo. Logo que cheguei na aldeia, conforme descrevi no início, presenciei um momento deste. Enquanto cantavam, respondendo aos cantos dos homens

(que em grupo dançavam se locomovendo pelo pátio da aldeia) as mulheres ficavam enfileiradas lado a lado e dançavam muito sutilmente, apenas um flexionar de joelhos e um balançar dos braços. O grupo todo, com as melodias muitas vezes contrastantes e a dança, provocava uma experiência de rara beleza, quase um transe. Eis que então, surgindo do nada, da escuridão, uma figura estranha aparece: com uma peruca prateada e um tecido enrolado no quadril como uma mini-saia, um andar sinuoso com os joelhos bem colados um no outro, meio cobra meio mulher. É um hotxuá que se aproxima e se coloca na fila entre as mulheres. Sua dança também é sutil, com um leve exagero, numa imitação do que as mulheres faziam, mas com um tom jocoso e matreiro. As mulheres todas tentavam manter o canto, mas era perceptível que estavam morrendo de rir, assim como os homens e todo o restante da tribo que assistia ao ritual. Uma interferência sutil, mas que dava um outro colorido ao ritual e fazia com que todos se unissem num riso coletivo.

Interessantíssimo foi perceber a riqueza de corporeidade dos hotxuás que, segundo depoimento de alguns, se origina da imitação de plantas e animais, e que compõe um repertório físico de figuras, andares, dinâmicas corporais com grande diversidade de ritmos e qualidades de energia, e ampla gama de expressões faciais. Com este repertório físico eles interagem uns com os outros e com os outros membros da tribo (os não-hotxuás), dentro de estruturas já codificadas (um tipo de roteiro que é improvisado e realizado no momento) ou em interferências espontâneas no espaço, onde aproveitam muito a relação com quem está presente. Assim como o palhaço tal qual o conhecemos em nossa cultura, o hotxuá também tem no seu corpo o canal máximo de expressão de suas emoções, de sua lógica e de sua graça. Palhaço e hotxuá dançam enquanto atuam, com o corpo, com a voz e com a capacidade de ver o mundo às avessas.

Outro detalhe interessante é o uso de elementos da natureza, folhas e galhos, na confecção de figurinos e acessórios. A maquiagem, sempre muito pessoal, é feita com tinturas extraídas do urucum (vermelho), jenipapo (preto) e de pó de giz (branco). Interessante notar que o vermelho, branco e preto também são as cores básicas das maquiagens do palhaço ocidental.

Discorrendo um pouco mais sobre o tipo de humor, poderia dizer que, assim como os palhaços, grande parte dos motes giram em torno dos mais básicos temas humanos: a fome, a dor e a doença, a morte, o sexo, o desejo de passar o outro para trás, etc. Um humor instintivo e de muito contato físico na construção da atuação, que é amarrada por meio de uma dramaturgia simples, onde o mais interessante é o estado da brincadeira dos hotxuás, mais do que uma forma acabada nos mínimos detalhes. Ainda assim, em algumas das pantominas que pude ver, eles conseguem construir imagens extremamente criativas e com um humor que possui um quê de absurdo. Apesar do tom muitas vezes ingênuo do riso dos hotxuás, eles também podem ser muito provocativos como, por exemplo, quando durante uma atuação simularam uma grande orgia, onde todos os

hotxuás faziam de conta que transavam entre si. E todos que assistiam riam muito.

Também assisti a uma cena, na qual Ismael (que seria uma espécie de chefe dos hotxuás) fazia uma mulher grávida pronta para dar a luz. Depois de toda a confusão armada, a resolução da cena vem de uma maneira inusitada: os outros hotxuás pegam um menino que estava assistindo à cena e, se colocando atrás de Ismael (a mulher grávida), que neste momento estava no auge das dores e contorções, enfiam o menino por entre suas pernas e saia, e o bebê nasce do outro lado. A mãe (Ismael) pega o menino no colo, como a um recém nascido, e todos os hotxuás vêm fazer carinho e beijar o bebê: uma cena poética e de grande comicidade, muito semelhante ao nascimento de Macunaíma (Grande Otelo) no filme de mesmo nome de Joaquim Pedro de Andrade, uma das cenas antológicas do cinema nacional. Este momento, assim como outros, me fizeram perceber a universalidade de certos temas que, em forma e conteúdo, são comuns tanto na tradição dos hotxuás, como na dos palhaços ocidentais. Poderia citar alguns outros exemplos:

> a cena do dentista, em que uma pessoa sofre horrorosamente com dores de dente e uma outra vai ajudá-la, tentando arrancar o dente dolorido das mais absurdas maneiras. Este antigo número é clássico no repertório dos palhaços circenses, assim como também aparece em um dos filmes de Charles Chaplin.

> a morte - todos já devem ter visto, no circo, a morte de um palhaço que cai duro no chão, mas mantém uma das pernas esticadas para cima. Também os hotxuás morrem assim, só que ao invés da perna, é um braço que permanece para cima.

> o hotxuá dormindo - assim como os palhaços, o hotxuá vê o mundo sob uma outra perspectiva. Tadeu, um outro hotxuá, dorme e sonha pendurado em uma árvore de cabeça para baixo, seguindo uma lógica presente em qualquer bom palhaço, onde o mundo nem sempre se comporta segundo os parâmetros chatos da realidade.

Estas semelhanças em momento algum me fizeram pensar em simples coincidências, mas na existência de um campo coletivo, onde independentemente da cultura, o riso impera segundo regras universais da comicidade. E justamente aqui está uma das grandes forças do riso, sua capacidade transformadora de tocar toda e qualquer pessoa, não importando sua origem, criando uma situação concreta, onde todos somos iguais e membros de uma mesma espécie.

Nos dias em que estive na aldeia, a atuação dos hotxuás aconteceu de três maneiras:

> em grupo, na execução de pantominas que possuíam um roteiro, uma pequena estória, mas com grande espaço para a improvisação.

> também em grupo, seguindo uma estrutura tipo “siga o mestre”, na qual um hotxuá iniciava uma idéia; por exemplo, começava a se coçar e aos poucos todos entravam na mesma dinâmica e, num crescendo, chegavam a extrapolar a idéia inicial.

> sozinho - geralmente quando interferia no cotidiano ou nos rituais.

Outro ponto interessante foi perceber como algumas crianças, pequenos hotxuás, eram iniciadas nesta arte, através da brincadeira e da imitação. Mais de uma vez pude ver Ismael caminhando pela aldeia fazendo a imitação de um gavião, braços abertos como se estivesse voando, seguido por alguns meninos que o imitavam. Eles brincavam de ser gavião e, sem saber, aprendiam a brincar como hotxuá.

O palhaço encontra a tribo e os hotxuás

Como palhaço, meu encontro com o Kraós teve 3 momentos bem distintos e interessantes.

O primeiro deles aconteceu na noite seguinte à minha chegada. Estava eu assistindo às filmagens de uma atuação dos hotxuás que, na verdade, já havia terminado, quando um dos diretores do documentário chegou para mim e disse: - “Ricardo, por favor, faça alguma coisa para as pessoas!”. Desorientado e sem saber o quê fazer, instintivamente “plantei uma bananeira” e me deixei cair de costas muito perto de um grupo de crianças. Foi uma gargalhada só e uma debandada geral, ao mesmo tempo em que ouvi uma voz de adulto dizendo: - “Olha o hotxuá!”. Estava sem minha figura de palhaço, sem figurino, maquiagem e nariz vermelho, e me apeguei ao que é o palhaço em essência: sua disponibilidade para o jogo e para o outro, seu prazer e capacidade de brincar com e para as pessoas. A partir disso, do nada, de meu próprio corpo e voz e das “danças” e dinâmicas que dele saíam, fui estabelecendo relações, das quais pequenas situações iam surgindo com as crianças e também com os adultos.

Era muito interessante, pois sentia que eu funcionava como aquele que provocava o impulso da brincadeira. Não era uma apresentação: estávamos construindo algo juntos e o riso vinha deste “jogar” coletivamente. Quanto mais estranho era meu corpo e minha “dança”, com quebras de ritmos e variações bruscas de direção no espaço (sempre com a preocupação de estar em relação), mais eles riam e se envolviam. Não havia idéias, só o prazer de brincar que contaminava o corpo e a voz, e ganhava espaço.

Fiquei pelo menos uma hora atuando desta maneira e quando eu parei, senti que a animação e a brincadeira ainda ecoaram por um bom tempo, principalmente entre as crianças. Daquele momento em diante, quando cruzava com alguém, criança ou adulto, eles me chamavam de hotxuá. O palhaço havia sido aceito como um igual.

No dia seguinte, às 11hs da manhã, assim como todos faziam, fui ao rio

tomar um banho porque o calor era insuportável. Quando lá cheguei, vi que só havia Kraós dentro do rio, nem um único membro da equipe de filmagem. Fiquei um pouco tímido e pensei em entrar na água de calção, ao contrário do que havia feito em outras vezes. Quando eu ia entrando no rio, um velhinho me falou: “- Tira o calção! Tome banho como a gente!” Bom, a timidez passou e senti novamente a mesma aceitação da noite anterior. Já dentro d’água vi que as crianças se aproximavam de mim apenas com os olhinhos negros fora da água. Olhos que sorriam e eram como um convite. Vi um menino que segurava uma pequena garrafa plástica cheia de água. Com gestos pedi que ele me desse a garrafa e ele a jogou para mim. Eu, no mesmo instante, joguei a garrafa de volta para ele. Ele devolveu para mim e eu joguei para outro menino. Em poucos instantes, lá estávamos todos jogando a garrafa um para o outro, rindo e brincando, crianças e adultos se divertindo dentro da água.

Que povo maravilhoso, que mantém sua capacidade de rir e seu prazer de brincar, mesmo entre os adultos, tão diferente do que vemos em nossa sociedade e cultura. Ficou claro, para mim, como a presença dos hotxuás estimula e mantém vivo este espírito do rir e brincar, não importando a hora ou o lugar. Por isso, os Kraós são conhecidos como um povo que ri.

Outra etapa desta minha experiência foi meu encontro os hotxuás e a oportunidade de poder atuar com eles. O primeiro encontro foi combinado para que as filmagens pudessem ser feitas: como palhaço (Teotônio) eu viria de um lado da aldeia e encontraria Ismael, que viria de outra direção, no centro da aldeia. Minha caracterização, colocar figurino e fazer maquiagem, já foi um acontecimento e crianças e adultos se aglomeravam na janela da pequena sala da escola para acompanhar. No momento em que saí da escola e fechei a porta atrás de mim, vendo a aldeia e os índios que, maravilhados, me olhavam, me senti um ser de outro planeta que acabava de descer na Terra. Eles nunca haviam visto um palhaço como nós o conhecemos e eu percebi que a fascinação pela figura foi imediata. Talvez reação semelhante provocavam os antigos palhaços quando o circo chegava nas mais remotas cidades. Eu não havia levado nada preparado, nenhum número já construído, apenas uma mala cheia de objetos que escolhi aleatoriamente e minha capacidade de jogar com o espaço da aldeia e com as pessoas. Enquanto caminhava, uma multidão me seguia e eu ia interagindo com tudo o que via: por uma escada subi em um mastro e de lá acenei para as pessoas que esperavam no centro da aldeia; na animação meu chapéu caiu e ao descer me enrosquei na escada e fiz que quase caís; corri atrás das crianças; brinquei com as mulheres; corri do cachorro e me enrosquei na mala, etc. Neste ponto Ismael chegou e nos encontramos, dois seres de mundos diferentes, mas a sensação era de que, estranhamente, algo de comum nos ligava. Não vou descrever aqui todos os momentos de nossa brincadeira conjunta, pois durou quase duas horas. Basicamente, sempre havia um momento de estudo, de indefinição, até que algo surgisse, uma idéia, uma situação, e, estabelecido o

jogo, nós nos divertíamos. Era como se falássemos idiomas diferentes, mas no fundo nos entendêssemos.

As situações eram construídas pouco a pouco: um propunha, o outro reagia, num diálogo de muita cumplicidade. Todos os elementos do palhaço estavam presentes: a triangulação da dupla, o foco da cena, os corpos que expressavam sentimentos, o extrapolar das situações, a relação com o público, a quebra de ritmo, a surpresa. E, acima de tudo, a exposição e a vulnerabilidade deste dois hotxuás-palhaços que, de modo pleno, compartilhavam entre si e com o público seu prazer de brincar. Havia alguns momentos em que tanto eu, como Ismael, fazíamos coisas que o outro não compreendia, porque tinha um fator cultural que era muito distinto. Entretanto, mesmo nestas situações, o diálogo se estabelecia ainda que conflitante e o resultado, como provocador de riso, era muito grande. Foi bom poder, muitas vezes, me abandonar na lógica e no humor do hotxuá Ismael, ser conduzido por ele, assim como perceber o quão disponível ele estava nos momentos em que a condução era minha.

Além deste encontro “arranjado” com Ismael, tive o privilégio de, em momentos em que atuava sozinho pela aldeia, cruzar com Kuppê e Antônio, também hotxuás, e estes generosamente improvisaram comigo.

Esta semana entre os Kraós foi muito intensa e me marcou profundamente como pessoa e como palhaço.

Que generosidade e disponibilidade é esta que faz com que seres de culturas tão distintas possam se entender e provocar o riso em quem presencia? Quão essencial me parece ainda mais a figura do palhaço, este viajante no tempo e na história da humanidade, pelos mais diversos espaços, para um mundo que cada dia mais perde a capacidade de brincar e se reinventar! E que privilégio e responsabilidade ser um palhaço, assim como tantos outros espalhados mundo afora e por sociedades tão distintas, fazendo a humanidade rir e se confraternizar em suas diferenças e semelhanças! ■